

Violência, paranóia e perversão nas sociedades ocidentais contemporâneas

Reflexões sobre o filme Tiro em Columbine de M. Moore

Eugène Enriquez* e Teresa Cristina Carreteiro**

Resumo:

O filme de M. Moore, *Bowling for Columbine* é um sutil analisador da paranóia e da perversão que se desenvolvem nos USA e nas principais sociedades contemporâneas desenvolvidas. Nestas sociedades há o primado do individualismo, a dissolução dos coletivos, a vontade de gozar a qualquer preço, o medo e a negação do outro. Quatro eixos são explorados neste artigo: a individualização do gozo, a passagem do gozo ao combate e ao assassinato, a fetichização das armas e o enfraquecimento da solidariedade e, por ultimo, o fim e a renovação das formas de solidariedade. Conclui-se afirmando que, apesar da tendência predominante da negação do outro, parece ser possível a existência de uma sociedade mais viva.

O filme de Michael Moore “*Bowling for Columbine*” (2002), pode ser considerado como um bom “analisador” da sociedade americana atual e das sociedades ocidentais contemporâneas. Nos apoiaremos em algumas contribuições da psicanálise e discutiremos os fenômenos descritos no filme, no âmbito da evolução política e social contemporânea.

Nos últimos trinta anos assistimos a uma prodigiosa mudança nas sociedades ocidentais. Tocqueville já havia observado em seu grande livro “*De la démocratie en Amérique*”: o aumento do individualismo, fruto da excessiva centralidade na defesa da liberdade de cada indivíduo.

– Da individualização ao gozo

A individualização (não confundir com individuação que exprime a singularidade de cada sujeito, sua capacidade de se conscientizar do que ele é, da consequência de seus atos e de seu desejo de assumir a manutenção e o desenvolvimento do laço social) acarretou a

* Professor emérito pela Université de Paris 7.

diluição dos antigos coletivos e dos ideais que eles difundiam. Doravante cada sujeito se encontra entregue a si próprio (e, em consequência, alienado), a seus desejos, a seu corpo (Carreteiro:2003), à sua vida privada. “A cultura do narcisismo” (Lasch,1979) que mais tarde vai se traduzir pelo “cansaço de ser si próprio” (*La fatigue d’être soi*: A Ehrenberg,1998)) se desenvolverá. Os indivíduos preocupam-se com sua liberdade e com a afirmação desta, levando-os a viver cada vez mais voltados para si próprios e em uma profunda solidão (E. Enriquez,1998). É verdade que muitos continuam mais ou menos inseridos em redes sociais. No entanto, eles tornam-se progressivamente menos exigentes, e são muitos numerosos e bastante diferentes para fornecer pontos de referencia sólidos. Eles só mantêm um ponto em comum, porém importante: a pressão ao conformismo. Deste modo os indivíduos que se acreditam livres, estão na verdade cada vez mais massificados, conformes, inclinados ao “politicamente correto” e, na verdade, inaptos a um pensamento individual e responsável (o que já havia sido pressentido por Tocqueville). O que não os impede de acreditar que sejam livres, e que devam ficar atentos a que o Estado – concebido como um “Estado mínimo” – não se misture em suas liberdades. Eles pensam que devem se proteger dos outros, por si próprios. Isto é particularmente verdade para os USA. No que concerne a outros países, as pessoas habitualmente só podem contar com elas próprias. O Estado tornou-se, neste caso um “Estado mínimo”, pouco sensível aos problemas e aos sofrimentos dos indivíduos.

Deste modo, as pessoas que acreditam donas de seus próprios destinos, elas vêm surgir nelas um “Ego Grandioso” (O. Kernberg,1979) , elas se consideram como o mais precioso dos bens. Como cada pessoa é tomada pela mesma fantasmática, encontra-se sempre pronta a se sentir vítima dos outros, a reclamar, a tornar-se o “homem ressentido” *l’homme du ressentiment* evocado por F. Nietzsche (1887) e M. Schler (1921). Por outro lado, ela almeja o que os outros possuem e tem necessidade de exercer seu controle sobre eles. O sentimento de vitimização e o desenvolvimento da inveja – a famosa rivalidade mimética de R.Girard (1968) – caminham juntos. Surge, neste contexto, uma paranóia social, perfeitamente normal e integrada. Assim, o indivíduo livre – e que se quer igual ao outro (Freud, 1921) não suporta mais o sofrimento inerente à vida de todo ser humano. Ele se pretende liso, sem interioridade perturbadora, sem conflito. Ele é tomado pela “obsessão de plenitude” (E. Enriquez, 1961) o que leva a querer “gozar sem entraves” (Ch. Melman , 2002).

** Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF, Psicanalista, Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos

– Do gozo ao combate e ao assassinato

Todo homem é então convidado a gozar a cada momento. Não se trata mais neste caso de saborear cada momento com fervor como sugeria A Gide em “*Nourritures terrestres*” (Gide, 1899) ou como dizia V. De Moraes “viver cada instante como se fosse eterno”. Este hedonismo esclarecido não tem mais lugar. O que está em jogo é uma vida distanciada do outro, que pode querer aquilo que possuímos. É uma vida centrada sobre o efêmero e que não deixa mais lugar ao tempo e ao diferido (ao projeto de antecipação do futuro). Hoje se deseja tudo rápido, como as crianças. Não se pode suportar mais nenhuma espera entre o desejo e sua vontade de realizá-lo. Se o indivíduo não se experimenta como todo poderoso (no entanto isto ocorre), ao menos se experimenta como muito poderoso.

Os indivíduos não se dão conta da armadilha na qual estão caindo: se pretender muitos poderosos é sucumbir às exigências do “ego-ideal” (negando-se todo ideal do ego) que só é tão severo porque repousa em um sentimento inconsciente de impotência. O homem contemporâneo querendo mostrar a sua força, a sua virilidade (Carreteiro, 1999:2003), seu dinamismo, sua capacidade de dominar e de controlar as coisas e os outros, só fez aumentar sua incapacidade de tornar-se adulto e responsável (não tendo sabido guardar os pontos positivos da infância; a espontaneidade, a aptidão para jogos, a inventividade).

Em síntese, o homem, dito adulto contemporâneo, vive numa crise, vive em um estado de involução (Freud, 1921), torna-se uma criança enraivecida, que receia que “quebrem seus brinquedos”, que reclama o brinquedo dos outros e o direito a felicidade perpétua. Ele guardou unicamente os pontos negativos da infância: a impossibilidade de se questionar e a recusa da categoria do diferido.

Compreendem-se melhor, então porque na “sociedade do espetáculo” (Debord), da insignificância (Castoriadis, 1996), os valores coletivos (excetuando-se o patriotismo ou o chauvinismo mais sumário, que se traduz pelo “narcisismo das pequenas diferenças” Freud, 1930) se desfizeram. Os homens-crianças querem provar sua capacidade pelo exercício da violência sobre os outros. Não nos esqueçamos de uma frase bastante pronunciada e atribuída a Freud: “o inferno seria o mundo abandonado às crianças de 4 anos” (aqueles que ainda não teriam passado pela castração) ou ainda o livro de M. Golding “Sua majestade as moscas” “*Sa majesté les mouches*” – no qual se observa as catástrofes de uma sociedade onde só existem crianças (tomados pelo ego-ideal). Estes homens são incapazes de

estabelecer relações sociais pautadas na reciprocidade e podem vislumbrar a liquidação dos outros.

Neste ponto fazemos uma ligação com o filme de M. Moore, pois este nos mostra uma sociedade na qual reina solidão, falta de cultura, o desejo sem freio de liberdade e de inveja, como também uma sociedade onde existe o medo do outro. Cada pessoa teme que algo aconteça a sua vida, a suas propriedades e só confia em si próprio para se defender. Daí advem o gosto excessivo em possuir e manipular armas. A arma supõe proteger o cidadão americano. Ele freqüentemente a leva consigo. Tal é a verdade da mensagem continuamente repetida pela N.R.A (Associação Nacional de Armas) e pelo seu antigo presidente – atualmente afastado de suas funções por sofrer da doença de Alzheimer – que desempenha um grande papel no filme – o ator bastante conhecido – Charlston Heston. Ele é a encarnação do herói. Coincidência que ele tenha sido o herói do filme *Ben Hur*! É interessante mencionar que, cada vez um acidente grave ocorre, como em *Colombine* – onde um adolescente matou doze colegas de classe, Charlston Heston vai ao local para mobilizar os membros N.R.A e para se lembrar a importância de posse e do porte de armas. E como sua presença tivesse o propósito de negar o acontecimento violento ocorrido. Ele, em seu discurso, utiliza tão bem a denegação (exemplo: “eu não sou racista”) insistindo sobre o fato que sua presença não se relaciona com o acontecimento violento que aconteceu, ou quando afirma saber bem o que se passou, mas, que apesar de tudo, os homens devem se manter armados, pois é a única verdadeira possibilidade de se manterem existindo”.

Procedendo desta maneira, ele acalma a culpa que pode surgir no auditório e lhes inculca a fé que eles têm em sua força e neles próprios. Ele desempenha assim, uma função de poder. Este é sempre, em última instância o mecanismo que “exorciza as angústias e os medos” (Balandier,...). Charlston Heston pode fazê-lo, pois não se substitui ao governo na medida em que anuncia que, naquela situação, o que o governo poderá proclamar lhe parece inútil, visto que a constituição americana permite a todo indivíduo, livre e responsável pelos seus atos, se defender. Seu discurso é então totalmente compatível com o ideal heróico que habita cada americano e que incita muitas pessoas a agirem o papel de *cowboy*, na vida real. Deste modo, quando Charlston Heston é entrevistado por M. Moore ele repetirá o que habitualmente diz, ou seja, que cada americano tem o direito de se defender e, acrescentará ainda uma frase sintomática, dirá que todo americano deve conservar a sociedade no mesmo estado de limpeza moral legado por seus ancestrais brancos. Deste modo nas entrelinhas de seu discurso pode-se ler que a boa América é uma América branca e ela deve poder se defender contra a violência vinda dos negros e dos outros metecas.

Pode-se assim ver bem os mecanismos de desculpalização e de projeção presente em tal discurso. O americano branco é um ser puro, bom, que só quer viver pacificamente com seus vizinhos. São os outros que representam as impurezas (Douglas, M., 1971), o abjeto (Kristeva, 1980), causando perigo à sociedade branca, fundada pelos puritanos, perto de Deus. Tudo que é ruim, demoníaco é projetado para fora, sendo objeto de ódio.

Existe, no entanto, uma marca que rompe este discurso, é o assassinato em série – aquele ocorrido em *Columbine*, cometido por um branco, entre outros brancos. Infelizmente, sabemos bem que não existe ninguém mais cego do que aquele que se recusa a ver o que está à sua frente. Mesmo depois deste acontecimento as vendas de armas continuaram a crescer.

– Fetichização das armas e desaparecimento da solidariedade

As armas representam, para todo mundo um símbolo viril, de força e de violência (em poder). Mas na sociedade americana (e sem dúvida em outras sociedades atuais) elas adquiriram um novo status: o de fetiche. Ora o que é um fetiche senão um objeto adorado, racionalizado, que promete um gozo extraordinário e que vem sucumbir uma falta. Ele assegura o indivíduo sobre o seu poder, mascarando sua impotência e sua “pequenez”. O fetiche se coloca então no lugar do ideal, da assunção da consciência e da vontade. É o fetiche que decide, ou melhor, é o amor que lhe é atribuído que se torna o único e o principal amor. O amor pelo semelhante distante desaparece. Subsiste o amor pela arma. Deste modo ela será muito investida, continuamente limpa, admirada, apresentada aos amigos. Ela será utilizada nos concursos de tiros, muito numerosos nos USA. O bom atirador torna-se um homem forte, no qual pode-se ter confiança, pois ele mesmo só tem confiança na arma que os outros atiradores igualmente veneram. Ele torna-se o protótipo do bom americano. Numerosos são os americanos – e Michel Moore mostra bem em seu filme – que possuem várias armas. Alguns construíram um pequeno arsenal particularmente admirado, pronto a servir.

O possível assassino toma forma: um indivíduo solitário, acreditando na sua liberdade, querendo preencher imediatamente seu gozo, seguro de seu direito, não amando a maioria das pessoas. Ele teme e inveja as pessoas devido a sua real impotência, mesmo que ele tente mascarar-la. No entanto, ele ama de modo ilimitado as armas, os únicos instrumentos que lhe obedecem sem restrições. É verdade que todas as pessoas que apresentam uma tal configuração não matam seu próximo. Existe sempre uma diferença entre a força e o ato. É

preciso então pesquisar os acontecimentos específicos que enquadram a história de vida (incluindo o social) dos sujeitos que marcaram sua subjetividade. E ainda o que Redl chamava o “elemento imitador” (Redl,1966). No entanto quisemos expor o quadro geral e, nós todos sabemos, que quando um quadro existe, ele só demanda ser preenchido.

Um tal quadro não existe em outro tipo de sociedade, onde o individualismo, o gozo e o medo do outro (reduzido a ser um inimigo ou um suspeito) não ocupam o mesmo lugar. Neste caso M. Moore faz a demonstração indo analisar a sociedade canadense.

Os canadenses têm o mesmo interesse pelas armas que os americanos, eles possuem mesmo mais armas. E, no entanto (salvo as exceções, como existe em toda sociedade), eles não usam as armas para combater os outros. Eles servem-se delas para caçar. Porque? Porque eles não temem os outros, e ainda eles não têm que defender a raça branca e porque a constituição deles (que segue o princípio da constituição inglesa) não estabelece equivalência entre liberdade e porte de armas.

M. Moore, no filme demonstra isto de modo remarcável. Ele constata, tentando entrar nas casas dos canadenses que eles não fecham nunca suas portas (mesmo quando já foram roubados). Eles não têm medo uns dos outros. O outro é percebido como um semelhante com quem se pode viver e não como um inimigo temido. Os canadenses não têm sentimento de ter de manter o privilégio dos brancos. Ainda mais, contrariamente aos USA, onde a mídia tem tendência a só mostrar a violência (apresentando não somente nas situações cotidianas, mas igualmente nos documentários e nos filmes, com grande sucesso (filmes policiais, de horror e de suspense) que contribui para desenvolver uma paranóia generalizada. A mídia canadense fala de proteção social, dos pobres, dos excluídos e da necessidade de solidariedade e de coesão social. Todos estes assuntos M. Moore, diz não ouvir na mídia americana. Os americanos são tomados pela neurose da competição e pelo medo do outro. O que não ocorre com os canadenses que aspiram uma vida calma e que apreciam o consenso (Sevigny,1963) mesmo existindo violência no Canadá a configuração canadense não é propícia à sua exaltação.

– Fim ou Remodelagem da Solidariedade

O interesse do olhar de M. Moore à sua sociedade mostra que apesar de tudo, a solidariedade não desapareceu da sociedade americana. Há muito sabemos que quando há o desenvolvimento de uma determinada configuração, uma contra-configuração se forma. A sociedade sem resistência não existe. M. Moore, puro produto da sociedade americana na

sua forma de ser e de se vestir, é um exemplo concreto. Ele não suporta a evolução social atual e ele tenta combatê-la, realizando filmes, escrevendo livros que têm muito sucesso nos USA e no mundo inteiro. Ainda mais, ele pratica na vida cotidiana, uma forma de intervenção bastante provocadora, parecida com aquela desenvolvida, há anos atrás, por Saul Alinsky. Deste modo, consegue, em seu filme, apontar a Charlston Heston tantas contradições, que este é obrigado a escapar da entrevista que Moore lhe faz. M. Moore, obtém ainda, com o apoio de numerosas pessoas, o impedimento de comercialização de certas munições. Ele mostra então que a sociedade americana não é monolítica e não é tomada pela paranóia (medo do outro, sentimento de ser vítima e vontade de fazer justiça) e perversão (desejo de gozo imediato, aumento de psicologização e instrumentalização e negação dos outros) e que forças subversivas (ou forças de resistência) existem e que uma outra forma de sociedade é concebível.

A **conclusão** pode ser meditada em outras sociedades. M. Moore nos mostra que uma tal evolução da sociedade não é irreversível e que se cada um tentar sair da massa, resistir, lutar, outros caminhos podem ser traçados. É verdade, que necessitamos de mais atores sociais, cientes das conseqüências possíveis de seus atos para que as sociedades possam ser mais viáveis. Seria principalmente necessário que o capitalismo financeiro, a mundialização e a mercantilização generalizada pudessem ser freados pelas forças sociais, apresentando projetos alternativos viáveis. A mudança mundial não está próxima, mas M. Moore mostra que cada um pode e deve trabalhá-la.

Bibliografia:

- BALANDIER, G (1980) – Le pouvoir sur scènes, Ballard, Paris
- CARRETEIRO, T.C. (2003 – « Le corps sur investi : pathologie narcissique contemporaine ? », Actes du colloque L'individu hyper moderne, vol.2. pp-213-222.
- CASTORIADIS, C (1996) – La montée de l'insignifiance, Seuil, Paris.
- DEBORD, G. (1994) – La société du spectacle, Gallimard, Paris
- DOUGLAS, M (1971) – De la souillure. Maspero, Paris.
- EHRENBERG, A (1998) – La fatigue d'être soi, Odile Jacob, Paris.
- ENRIQUEZ, E. (1967) – “La notion de pouvoir de pouvoir” reproduit dans “Les figures du Maître” (1991). Arcantere, Paris.
- ENRIQUEZ, E. (1998) – “De la solitude imposée à la solitude solidaire”. Topique. L'Esprit du Temps, Paris
- FREUD, S. (1921) – Psychologie des masses et analyse du moi » in Essais de psychanalyse. (1979). Payot, Paris.
- FREUD, S. (1930) – Malaise dans la civilisation. 1971, PU, Paris.
- GIRARD, R. (1968) – La violence et le sacré, Grasset , Paris.
- GIDE, A. (1899) – Les nourritures terrestres, Gallimard, Paris .
- GOLDING, M. (1971) –Sa majesté les monches. Gallimard, Paris.
- HORNEY, K. (1932) – The neurotic personality of our time, New York.
- KERNBERG, O. (1979) – La personnalité narcissique, Privat, Paris.
- KRISTEVA, J. (1980) – Pouvoir de l'horreur, Seuil, Paris.
- LASCH, C. (1979) – The culture of narcissism, New York. Norton and company.
- MELMAN, C. (2002) – L'homme sans gravité, Denoel, Paris.
- MOORE, M. (2002) – Tirois em Colombine. Filme.
- MOORE, M. (2003) – Uma nação de idiotas, W11, ed Ltda, São Paulo..
- NIETZSCHE, F. (1887) – La généalogie de la morale. 1970, Gallimard, Paris.
- REDL, F. (1966) – “Emotions de groupe et leadership” in Levy. A. Textes fondamentaux de psychologie sociale.
- SCHELER, M. (1921) – L'homme du ressentiment. Gallimard, Paris.
- SEVIGNY, R. (1963) – Le Québec en héritage,. Ed. St. Martini, Québec.
- TOCQUEVILLE, DC. A. (1835-1840) – De la démocratie en Amérique, 1971, Gallimard, Paris,.